

## AS IMAGENS E AUTO-IMAGEM NA CANÇÃO DE LUPICÍNIO RODRIGUES

Márcia Ramos de Oliveira/UDESC

Este texto representa uma pequena parte do Projeto de Pesquisa que resultou na Tese de Doutorado em História, através da UFRGS, intitulada “*Uma leitura histórica da produção musical do compositor Lupicínio Rodrigues*”. A abordagem que aqui apresento pretende ser uma amostragem acerca das diferentes formas de representação associadas a música e a figura do compositor Lupicínio Rodrigues.

Um grande número de referências existentes sobre sua biografia, associadas ao seu fazer musical, puderam ser facilmente percebidas ao longo da documentação consultada no decorrer da pesquisa. Muitos são os textos dito “biográficos” sobre Lupicínio Rodrigues, publicados especialmente em jornais e revistas de grande circulação, junto aos encartes e coletâneas musicais da MPB, os quais apesar do grande volume em que se apresentam, acabam por repetir as mesmas informações sobre o compositor. Tais relatos correspondem na grande maioria das vezes a um pequeno resumo da vida de Lupicínio Rodrigues, sinteticamente apresentado nas linhas que seguem.

O compositor, nascido na Ilhota (atual bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre/RS), no mês de Setembro de 1914, surgiu em meio a mais uma das freqüentes inundações do local. Filho de um funcionário público e de uma lavanderia (Seu Francisco e Dona Abigail Rodrigues), cresceu junto das peladas de futebol (onde já existia a destacada Liga dos Canela Preta, da qual seu pai era um dos fundadores), que misturavam-se, enquanto forma de lazer daquela comunidade, ao premiado carnaval de bairro, onde ele viria a se destacar fazendo música ainda criança. Compondo e cantando em meio aos adultos, Lupicínio teria seu talento precocemente reconhecido, justificando-se assim as sucessivas premiações que receberia junto as comemorações oficiais no carnaval do município. Sua entrada nas rádios locais estaria relacionada justamente aos sucessos carnavalescos de sua autoria. A partir desse fato, os textos passam, então, a mencionar o reconhecimento nacional do compositor, quando teve suas músicas gravadas por grandes intérpretes da Música Popular, figurando nas principais emissoras de rádio, especialmente do eixo Rio de Janeiro – São Paulo, ao longo das décadas de 30, 40 e 50. Ao sucesso sobrepõe-se o esquecimento, nestes relatos, quando ressurgiria ao ser gravado por novos grandes talentos da MPB, especialmente na voz de Caetano Veloso e da canção *Felicidade*. Após o seu inesperado “renascimento”, é bastante difundida a também precocemente declarada morte do compositor, aos 60 anos incompletos, em Agosto de 1974.

Ao reduzido número de informações que foi possível obter de sua biografia, somaram-se uma grande variedade de estórias associadas a ele, parte de um imaginário comum aos que o conheceram e também vivenciaram a Porto Alegre em que transitou. São “causos”, ou pequenas

lendas, associadas ao seu modo de vida, sua maneira de ser, indicativos da personalidade do compositor, incluindo acenos, gestos e palavras, típicos a seu jeito de expressar-se.

Inúmeras são as referências sobre ele, comentários que os anônimos moradores da cidade evocam aqui e ali, demonstrando o quanto a mesma comunidade encontra-se ainda impregnada de Lupi. Os amigos próximos também contribuem para expandir o corolário de historietas, fornecendo mais e mais subsídios para constituir-se assim o “personagem” Lupicínio, o mito criado acerca do compositor. O próprio Lupicínio Rodrigues é também responsável pela variada gama de interpretações que se tem sobre ele, ao também revelar-se como um grande contador de histórias e estórias, através do depoimento que deu ao Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro em 1968, ou nas crônicas que redigiu para o Jornal *Última Hora*, em Porto Alegre, na coluna permanente, aos sábados, ao longo do ano de 1963. Em cada uma destas crônicas, ocupava-se de assuntos variados, tendo como tema aparente explicar o surgimento de uma de suas canções, que acompanhavam, em letra, o escrito no jornal.<sup>i</sup>

Os depoimentos colhidos ao longo da pesquisa corroboram uma série destes “feitos”, fantasiando ainda mais a história do compositor.<sup>ii</sup> Uma das primeiras tentativas biográficas sobre ele, o livro *Roteiro de um boêmio*, escrito pelo amigo Demóstenes Gonzalez, constitui-se também numa reunião de crônicas, que instigam ainda mais a imaginação sobre os fatos narrados.<sup>iii</sup>

Contrariando o que se possa imaginar, os textos acadêmicos sobre o compositor e sua obra também deixam-se envolver quanto as diferentes representações que daí emergem. E mais, valem-se das mesmas como via de análise e interpretação. O que é dito na música, pelo compositor, associado aos textos publicados na grande imprensa, torna-se alvo de interesse e de estudo, estabelecendo-se assim mais uma face na identidade de Lupicínio Rodrigues.<sup>iv</sup> Identidade da personagem e imaginário social acumulam-se, entrecruzam-se, a despeito da possibilidade de ali poder encontrar-se maiores vestígios acerca do sujeito histórico. Muitas perguntas permanecem quanto a existência pouco revelada do compositor, inclusive quanto a compreender melhor como chegou ao reconhecimento do público, em esfera nacional, na expressão de seu trabalho.<sup>v</sup>

Justapondo-se as informações que cercam as biografias do compositor, acrescentam-se suas falas através das canções que fez. Ao compor fazendo uso quase sempre da primeira pessoa, ao expressar sua voz, facilmente estabeleceu-se o vínculo entre o que dizia em música e os acontecimentos de sua vida pessoal. Embora este aspecto possa ser questionado, inclusive por pessoas próximas a ele, muitas vezes o próprio Lupicínio Rodrigues reforçou a crença na “veracidade” do que seu personagem afirmava nas músicas, que passavam a ser ouvidas e relacionadas a sua biografia.

Este aspecto é particularmente interessante, no que se refere a *performance* de Lupi pois, diferentemente de outros tantos compositores, sua atuação foi afirmada tanto pelas músicas que fez,

como por aquelas em que atuou como cantor, intérprete. Apesar de não se declarar um grande cantor, gravou vários álbuns, a partir de suas próprias composições, destacando-se especialmente aqueles do início da década de 50, quando seu trabalho atingiu maior repercussão. O fato de ser ao mesmo tempo criador e intérprete de suas canções teve como desdobramento a reafirmação do mito, do personagem que criara de si próprio.<sup>vi</sup>

O “personagem” Lupicínio Rodrigues estruturou-se, tomou corpo, a partir do que suas músicas “falavam”, pelo que ele próprio dizia de si mesmo – em música, depoimento e texto -, pelo que foi dito e repetido sobre ele – nos diversos depoimentos de amigos e conhecidos -, pelo que foi escrito e repetido sobre ele – ao longo dos diversos textos publicados, entre jornalísticos, informativos e acadêmicos -.

De acordo com a imagem que paulatinamente formava-se sobre o compositor, especialmente pelos atributos da fala oral, textual ou musical, novas associações estabeleciam-se a partir das representações visuais. Acompanhando os textos que versavam sobre sua história, compondo encartes que integravam Lps sobre sua obra, ilustrando a capa de Lps ou Cds que incluíam seu repertório, junto ao material humorístico que satirizava suas músicas e conduta, surgiram incontáveis imagens, entre fotografias, desenhos, charges, entre outros.

Lupicínio Rodrigues através das representações visuais apresentava-se nos diversos desdobramentos que a personagem criada permitiria. Apesar dos antagonismos que implicam tão contraditórias formas de visualização da mesma personalidade ele é apresentado como o jovem e o velho Lupi, o boêmio e o pai de família, o compositor popular alundindo a esfera platina, entre outros. Ora surge como o sambista, retratado a rigor em camisa listrada e portando a caixinha de fósforo, ora é quase tangueiro ao apresentar-se em um sisudo sobretudo, acompanhado de chapéu e cachecol. Sua figura mistura-se a presença de crianças e netos, assim como reaparece associado a mulheres da noite, garrafas de bebida, homens embriagados. O que tantas e diferentes ilustrações revelam, encontram-se apoiadas pela ambigüidade que caracterizou seus ditos em música. As aparentes oposições que percebemos nas imagens, encontram-se justificadas nos antagonismos que as músicas revelam. Através delas, Lupi ama e odeia, é gaúcho e brasileiro, é jovem e velho, é pai e amante. Aí está Lupicínio Rodrigues, entre o sujeito histórico e o mito, afirmando-se, como sua identidade, a contradição.<sup>vii</sup>

Finalizando este pequeno texto, pretendo assim contribuir, ao afirmar a necessidade de contrapor-se diferentes tipos de documentação ao realizar trabalhos vinculados à memória, trajetória e biografia de compositores, especialmente nascidos no decorrer do século XX.

O extenso corpo documental que este século produziu através de imagens visuais, sonoras e literárias não pode ser obscurecido pelas práticas da pesquisa, a medida em que representa para o historiador voltado ao estudo da música popular um amplo campo de investigação e de construção

de perspectivas metodológicas. Torna-se imprescindível ressaltar a necessária aproximação e o estabelecimento de relações entre as formas e imagens relacionadas, enquanto via de compreensão de um contexto no qual as mesmas não surgiram seccionadas, muito pelo contrário. Percebe-se por sua justaposição, enquanto proposta metodológica, a evidência de inúmeras leituras e possibilidades de interpretação, especialmente no que se refere aos historiadores de ofício identificados teoricamente com a História Cultural.

## Bibliografia

- DIAS, Rosa Maria. As paixões tristes: Lupicínio e a dor-de-cotovelo. Rio de Janeiro, Edit. Leviatã, 1994.
- GONZALEZ, Demóstenes. Roteiro de um boêmio: vida e obra de Lupicínio Rodrigues – crônicas. Porto Alegre, Edit. Sulina, 1986.
- MATOS, Maria Izilda S. de. ; e, FARIA, Fernando. Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações. Rio de Janeiro, Edit. Bertrand Brasil, 1996.
- OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos. \_Dissert. de Mestrado/PPG em História/UFRGS, 1995.
- \_\_\_\_\_. Uma leitura histórica da produção musical de Lupicínio Rodrigues. Tese de Doutorado/PPG em História/UFRGS, 2002.
- RODRIGUES, Lupicínio. Foi assim: O cronista Lupicínio conta as histórias de suas músicas. Porto Alegre, Edit. L&PM, 1995.

---

NOTAS

<sup>i</sup> RODRIGUES, Lupicínio. Foi assim: O cronista Lupicínio conta as histórias de suas músicas. Porto Alegre, Edit. L&PM, 1995.

<sup>ii</sup> A pesquisa que realizei contou com o depoimento das seguintes pessoas : Adelaide Dias e seu esposo Euclides Guedes Jr., Alberto André, Ari Rego, Beto Rodrigues, Danilo Ucha, Darcy Alves, Demóstenes Gonzalez, Enio Rockenbach, Guilherme Braga, Hardy Vedana, Jaime Lubianca, Johnson, Jorge Machado, Lourdes Rodrigues, Massaretti, Naura Elisa, Paulo Sarmiento, Pery Souza, Plauto Cruz, Roberto Campos, Rubens Santos e, Zilá Machado.

<sup>iii</sup> GONZALEZ, Demóstenes. Roteiro de um boêmio: vida e obra de Lupicínio Rodrigues – crônicas. Porto Alegre, Edit. Sulina, 1986.

<sup>iv</sup> Sobre tal ênfase aqui apresentada, gostaria de ressaltar que não trata-se de uma crítica aos mesmos, no sentido de indisponibilizarem novos dados sobre a biografia de Lupicínio Rodrigues. Apenas advirto, neste caso, para a dificuldade em obter-se novas referências além das já existentes. Neste caso, também me incluo quanto a detalhar aspectos de sua vida as descrições que faz em música. Apenas a título de exemplo cito tais obras:

DÍAS, Rosa Maria. As paixões tristes: Lupicínio e a dor-de-cotovelo Rio de Janeiro, Edit. Leviatã, 1994.

MATOS, Maria Izilda S. de , e FÁRIA, Fernando A . Melodia e Sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino, o masculino e suas relações, Rio de Janeiro, Edit. Bertrand Brasil, 1996.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos Dissertação de Mestrado apresentada ao PPG em História/UFRGS, defendida em Agosto de 1995.

<sup>v</sup> Este é um dos aspectos que tentei abordar em minha Tese, especialmente quanto a investigar como Lupicínio Rodrigues teria conseguido atravessar as “fronteiras” ou “limites” do Estado de onde veio ao Eixo Rio-São Paulo, ao levar suas canções a outros mercados além daqueles relacionados a sua origem. Procurei detectar em sua atuação o que teria possibilitado que isso ocorresse, tentando outras vias de explicação além da “folclórica” versão, por ele também propagada, de que os marinheiros teriam levado suas músicas de porto em porto até o centro do país.

<sup>vi</sup> Diversos são os trabalhos que fazem referência a atuação dos intérpretes como “segundos” criadores das canções. A medida em que ao apresentá-las, reinterpretam-nas, diferenciando-as do produto original, distinguindo-as em sua especificidade, ao relacioná-las as suas próprias qualidades e características, enquanto cantores e cantoras, “apropriando-se” das mesmas, ao tornarem-se co-autores através de sua execução.

<sup>vii</sup> Não foi possível no momento da confecção deste texto incluir as imagens a que me refiro, o que pretendo demonstrar por ocasião da apresentação do mesmo, associado a seqüência de músicas em que as mesmas relacionam-se.